TL423

Reunião do Metanoia a 1 de Novembro de 1989

TIMOR-LESTE: A PROPÓSITO DA VISITA PAPAL

Uma tomada de posição em Igreja, nas circunstâncias que vêm rodeando o assunto, apresentado como exigindo a máxima prudência, impõe-me antes de mais, que me situe nessa Igreja.

Sentindo o meu abraço à Boa Nova que o Redentor veio trazer, como algo que me é profundamente essencial, vejo a Igreja antes de mais como portadora da Salvação que Ele lhe legou. É nesse Corpo Místico que me é possível vivificar, refrescar e tonificar a minha Fé. É esse o oásis, por excelência, que desejo com frequência encontrar na caminhada árdua a que sou chamado, em busca do Reino.

É esse espaço que eu exijo que Ela seja. É a esta imagem que eu A procuro conformar.

Onde porém a porca torce sempre o rabo, é nas mediações que tão poético desiderato exige. Quando para ele nos propomos partir com os companheiros dos nossos quotidianos, esforçadamente procuramos enunciar, em Igreja, leituras pedagógicas da realidade que percorremos. E a mediação pedagógica que seleccionamos traz sempre a marca das conveniências que as oportunidades, mais ou menos circunstanciais, em nós induzem. Não seria completamente descabido admoestarem-nos: "Diz-me como te parece mais conveniente posicionares-te, que eu saberei descrever a pedagogia que irás destilar."

Isto é mesmo assim! Faz parte da ambiguidade que impregna a complexidade que aceitamos acolher. É o princípio da incerteza inextinguível na pedagogia do anúncio.

Não podemos, porém, deixar-nos apáticos face à certeza da incerteza. Ela desafia-nos, precisamente, a cerceá-la, a que lhe encontremos os contornos, tão cerce quanto formos precisando. Porisso, cada um se interroga, porisso nos devemos interrogar uns aos outros, fraternalmente: a pedagogia que usamos, a forma como nos posicionamos, constitui uma evangelização eficaz? Ou será apenas a mais conveniente para objectivos mais acessórios?

João Paulo II resolve ignorar todas as advertências sobre o mais que previsível aproveitamento pelo sanguinário regime de Jacarta, da sua visita ao país e sobretudo da ida a Timor-Leste, e concretiza-a. Quais terão sido as motivações reais? O poder temporal do estado do Vaticano, de que este Papa em particular, nada parece desdenhar, não permite a leitura exclusivamente pastoral. Há inevitavelmente as leituras políticas, provenientes da forma como se assume ser um poder entre outros. Um sinal, do Reino outro que se anunciaria, estaria precisamente numa atitude de "trocar por miúdos", de aclarar em que óptica constituem serviço aos homens e às mulheres as opções feitas. E isto começaria logo na transparência com que se dialogasse abertamente. Assim o poder seria menos imposição, e mais uma disponibilidade eficaz. Dispensar-se-ia o enunciado duma lógica pastoralista própria, acima dos humanos, qual burocracia pardacenta em malabarismos para encontrar o lugar geométrico entre opressores e oprimidos. Assim, privado da capacidade de denúncia profética, fácil foi incorrer no que já não foi senão o acidente da insensibilidade ao infortúnio dos timores.

A luta heróica que no terreno desenvolvem os mauberes, exprimiu-se na manifestação violentamente reprimida, sob o que não pôde deixar de ser um chapéu eclesiástico protector dos opressores. Esta terá sido a mola real da elevada atenção que se prestou na ocasião a esta chaga da Humanidade. Ela foi, no entanto, referida por Sua Santidade como um erro passado agora carecido de reconciliação. Celebrava no campo de morte de Taci-Tolo, mais uma vez numa anuência ao ocupante. É certo que o Papa não reconheceu a integração forçada de Timor-Leste na Indonésia. Mas não é menos certo que foi extremamente complacente com a manobra envolvente e instrumentalizadora, de Jacarta, de propósitos demasiado óbvios.

"Sempre acompanhado pelo ministro indonésio da Defesa, Beni Murdani,- que apesar de se afirmar "católico convicto" foi o responsável pela entrada das tropas de Jacarta em Timor-Leste-, o Papa cumpriu minuciosamente o programa estabelecido: aceitou viajar para Díli num avião militar; não beijou o solo de Timor, como é seu hábito quando entra num território; não contactou em privado, como sempre faz, com os religiosos, o clero e o próprio administrador apostólico;..." segundo Mário Robalo no Expresso de 21 Out., pg. 20-R. Aliás as cedências começaram a evidenciar-se com a supressão da referência explícita à diocese de Díli do programa da visita.

É claro que ocorre perguntar a razão de tanta "prudência". Segundo José Silva Pinto em "O Jornal" de 5 Out., pg. 15, "Entre os 178 milhões de habitantes da Indonésia, a esmagadora maioria segue os preceitos de Alá de uma forma que os radicais consideram suave, um "islamismo de água de rosas", coexistindo com 4,5 milhões de católicos. Cinco dos actuais 41 membros do Governo indonésio são católicos e existe mesmo um partido católico, a dourar a pílula num país que está longe de poder considerar-se democrático. Em 1987, contavam-se no arquipélago 4655 escolas católicas, com mais de um milhão de estudantes, além de 24 universidades igualmente

católicas." E diz Paulo David, entre outros, no Diário de Lisboa de 7 de Out., pg. 6/7, que Mons. Tucci, o organizador da visita, teria declarado em Maio passado, a um grupo de membros do clero em Jacarta, que vale mais a Indonásia, com os seus quatro milhões de católicos, do que os 400 mil católicos mauberes!

Daí que João Gomes diga no Diário de Notícias de 29 Out., pg. 7: "O povo timorense, ... foi a vítima aparente de uma estratégia que visa o crescimento da cristandade, força longinquamente minoritária no maior país muçulmano do mundo." Mas um grupo de leigos adverte em carta ao Papa, citada por Arnaldo de Pinho na pg. 26 do Independente de 5 Out.: "Nota-se uma certa conivência entre o Vaticano e a Indonésia. A longo prazo, esta política é boumerang: os católicos indonésios colaboram com o Governo na pressão camuflada mas real dos islãos. Esta situação amadurece uma futura revolução islâmica que muitos mais males fará à Igreja indonésia. Não é com o sacrificar de Timor que se salva a Igreja da Indonésia"

De momento, no entanto, importa reagir pela positiva. Notícias da tensão reinante no território continuam a chegar. Proponho que o Metanoia:

1. subscreva uma carta a Mons. Belo nos moldes propostos por "A Paz é possível em Timor-Leste".

2. procure acompanhar a situação no território do ponto de vista dos Direitos Humanos, principalmente no que diz respeito à reivindicação do referendo de autodeterminação em condições de autêntica liderdade de opção, tentando em ligação com os grupos de solidariedade e a comunidade timor em Portugal, sensibilizar para este objectivo a opinião pública e sobretudo a Igreja portuguesa.

3. se mantenha atento às pressões sobre o Vaticano, e suas consequências, no sentido da integração da diocese de Díli na Conferência Episcopal Indonésia, ou no de por qualquer outra forma submeter a Igreja de Timor-Leste aos desígnios da potência invasora, movimentando-se prontamente para a isso se opôr.

O ideal seria que desta reunião saisse um grupo de apoio aos órgãos representativos do Metanoia, para a implementação desta proposta (e/ou de outras que surjam).

José Rório